

# LUZ, CÂMERA, EDUCAÇÃO! O INSTITUTO NACIONAL DE CINEMA EDUCATIVO E A FORMAÇÃO DA CULTURA ÁUDIO-IMAGÉTICA ESCOLAR

Autora: **FERNANDA CARALINE DE ALMEIDA CARVALHAL**

Banca examinadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Monica Rabello de Castro (presidente e orientadora); Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alda Judith Alves-Mazzotti; Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosália Duarte (PUC-Rio)

Data da defesa: 29/02/2008

## RESUMO

Este estudo aborda a relação entre o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE) e a formação de uma cultura áudio-imagética escolar. A influência do órgão na história da educação e do cinema brasileiro foi ignorada por muito tempo, vindo a se destacar, recentemente, com pesquisas voltadas à ideologia do Estado Novo, que firmava promessas de desenvolvimento e progresso por meio da linguagem cinematográfica através da educação para todos – ideal do movimento renovador escolanovista. Analisaram-se quais foram os impactos e conseqüências geradas pelo INCE na formação da cultura áudio-imagética escolar, depreendendo os significados que professores, alunos e outros personagens que vivenciaram o período obtiveram do cinema como recurso didático. Dado o tempo passado da criação e encerramento das atividades, foram analisadas as reminiscências de pessoas que participaram deste processo direta ou indiretamente sob a ótica da metodologia de História Oral, conjugada à perspectiva da análise argumentativa, triangulada com uma investigação histórica documental. Os resultados mostraram que não havia rejeição do meio educacional ao recurso, uma vez que os filmes eram muito procurados por professores. No entanto, a iniciativa partia de um grupo inovador e diferenciado. Eram, sobretudo, professores de disciplinas das áreas humanas e sociais do ginásio e ensino médio. Os conteúdos exibidos não tinham entrelaçamento com o currículo escolar, principalmente com o universo infantil, em face da sua erudição. Serviam como forma de mostrar aos educandos a cultura nacional. A recepção discente estava mais motivada pela novidade da imagem em movimento do que pelo conteúdo pedagógico. Entre os problemas detectados encontram-se a falta de projetores nas escolas e as dificuldades do meio educacional para operá-los. Por conta disso, os filmes foram ficando à parte na década de 1950/60 e sendo substituídos pela projeção de diafilmes e slides, dadas as facilidades destes últimos. Entre outras concepções, destaca-se a deficiência no processo de formação docente, que não preparou o professor para o uso do filme em sala de aula e continua adotando a mesma postura, justificando o uso do recurso audiovisual como forma de modernizar o ensino, como se o meio educasse por si só. Ao filme educativo ficam associadas imagens de eventos massificantes, sem apelo imagético, com tempo lento e linguagem pouco criativa e ao filme de ficção o caráter pura e unicamente de entretenimento, como se informação e entretenimento; cultura e educação fossem coisas dissociadas.

**Palavras-chave:** Cinema Educativo. INCE. Cultura áudio-imagética escolar. Roquette-Pinto. Humberto Mauro. Educação e mídia.